

Raquel Moreira:  
Volta do Salteador

Sismógrafo  
1 – 29 Fev 2020

Uma proposta de  
Hernâni Reis Baptista

Inauguração:  
Sáb 1 Fev 17:00

Conversa com a artista:  
sáb 29 Fev 17:00

Rua da Alegria, 416  
4000-035 Porto  
[sismografo.org](http://sismografo.org)  
[facebook.com/sismografo](https://facebook.com/sismografo)  
[#sismografo](https://twitter.com/sismografo)

## Cortar o Nó Górdio

Conta o mito que Alexandre, o Grande, numa das suas campanhas de conquista pela Ásia Menor, se confronta com um desafio na cidade de Frígia: o de desatar o nó feito cem anos antes por Górdio, façanha que até então ninguém tinha conseguido realizar. Presa a uma coluna zdo templo de Zeus, estava uma carroça atada com um nó tão complexo que durante anos desafiara os esforços dos mais valentes reis e guerreiros que, em vão, o tentavam desenlaçar. Alexandre, depois de analisar o nó por alguns momentos, desembainhou a sua espada e, com um gesto fortuito, de um só golpe, cortou-o.

Se o *Nó Górdio* exigia engenho para ser desfeito, a *Volta do Salteador*, nó que dá título à exposição, é um nó de rápida libertação. Também conhecido como *Nó de Evasão*, é habitualmente utilizado nas descidas e prende temporariamente, sugerindo quer a possibilidade de queda, quer a ideia de jogo. Há a crença de que era utilizado por ladrões para soltarem rapidamente as rédeas dos seus cavalos e fugirem. Apesar de um único puxão no chicote ser suficiente para desfazer esta volta, a tracção no seu seio mantém-no seguro. Ainda que eficaz a suportar o peso de um corpo, é também perigoso, exigindo perícia e concentração a quem o utiliza. O que vemos nesta mostra é precisamente uma procura, feita pela acção repetida de atar e desatar, do entendimento das coisas, caso a caso, nó a nó.

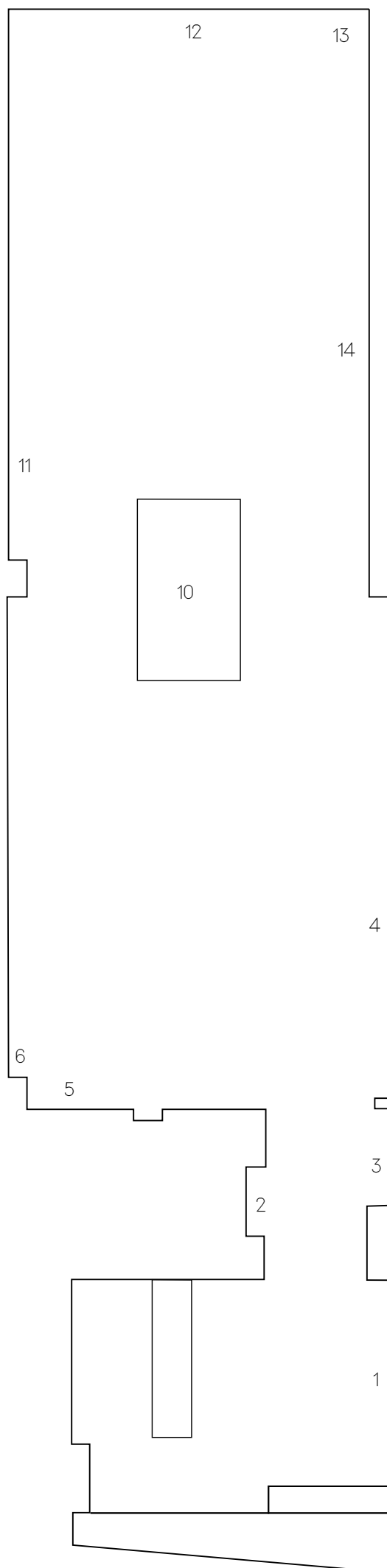
Há um fazer e refazer que se materializa num conjunto de elementos encontrados e construídos em diferentes momentos para esta exposição: como primeira pista, uma pequena alga encontrada numa cave e que se expande para dar lugar a um emaranhado de sargaço seco. Juntam-se ninhos feitos de cordas, paus e raízes; braços que se contorcem e enrolam naturalmente em novelos ao procurar nutrientes, expandindo-se por baixo da terra ou na água, enrolados pelas correntes. *Não dão ponto sem nó*, porque há nessa acção de crescer o interesse pela vida, mas também o desejo de domínio.

Usados para unir, rematar ou remendar, existem nós que pendem das árvores, amarrados a um ferro ou a uma pedra, nós enterrados na areia. Cordas, fios ou pedaços de tecido entrançados, que servem diferentes propósitos, sendo o mais comum o contexto marítimo, mas são também usados na agricultura e no cultivo das plantas; na actividade dos bombeiros e cirurgiões; nos labores, na técnica do macramé, nos bordados, na costura, na joalheria; em volta das caixas, para as encerrar e transportar; nas gravatas e nos cordões do calçado; no corpo, como instrumentos de prazer, o *shibari*; de dor ou de repressão, a mordaza; nas tendas dos feirantes e no campismo; no desporto — redes de campos de jogo, na escalada, no escutismo; nas brincadeiras infantis, como saltar à corda, jogar à cabra-cega ou à cama-de-gato. Este último, conhecido no Japão como *Ayatori*, é uma sequência de posições construídas com fio entre os dedos, que pode desatar-se, voltando à posição inicial, ou continuar o seu ciclo, dependendo da habilidade do jogador; uma actividade inútil e inconsequente, que desaparece sem deixar marcas.

Outras voltas, apresentadas como desenho sobre papel, feitas a aparo, pincel japonês e tinta-da-china surgem à medida que a linha se inscreve, adensando-se até formar emaranhados. Uns são nós cegos que potenciam a confusão, outros remetem para a corda ao pescoço, para o sufoco ou nó na garganta. Neles também se pode ver uma espécie de escrita inventada que faz lembrar os milenares *Quipos*, uma forma ainda pouco estudada de comunicação Inca, feita através de conjuntos de cordas e fibras com diferentes nós, que serviam para registar informações, números e possíveis narrativas.

Libertando-se da bidimensionalidade do desenho, a exposição integra ainda um conjunto de vinte caixas cimentadas. A argamassa que preenche estes contentores é feita com areia de rio e mar, e cada um contém ganchos e nós. Transportando para o espaço expositivo o contexto geográfico onde foram concebidos, podemos vê-los como pequenos pedaços de chão, ou exercícios topográficos, guardados em caixas reaproveitadas, que em tempos terão servido para conservar objectos de valor. Cada uma sugere metáforas para outros nós, uns de água doce, outros mais acres, de água salgada; testemunhos de passagens, compromissos assumidos ou desfeitos — *mordendo ou roendo a corda*.

Nesta exposição sublinha-se uma vez mais um modo de fazer que se pauta não só pela repetição como forma de compreensão, mas também pela referência a um corpo ausente, que em trabalhos anteriores se tem vindo a revelar de outras maneiras, como a *grattage* sobre fotografia. Esse corpo apresenta-se agora sob a forma de adereços: uma venda para os olhos, já usada, propõe não só o jogo, mas uma outra leitura sobre os objectos, mais táctil, e que pode escapar ao olhar desatento; a corda de salto, que pode ter tanto de infantil como de trágico, é apresentada como ferramenta para impulsionar o corpo do chão, quem sabe, a um precipício; a gravata, com o diâmetro de um pescoço e as botas, deixadas a um canto. Estes elementos, que foram pintados com a mesma tinta que os desenhos, ganham o peso do desaparecimento através do negro que os cobre. E talvez as cordas representadas no papel possam ser a interpretação de um corpo, ou das suas entranhas. E, com a mesma proveniência da tinta, surge o ditado chinês que propõe: *Antes de iniciares a tarefa de mudar o mundo, dá três voltas à tua própria casa*.



1 <b>Voltas #4</b> , 2020 Tinta-da-china sobre papel, 70 x 50 cm	Caixa azul, 28.5 x 9 x 3 cm; camarão, cordel branco	Caixa azul, 21.5 x 16.5 x 3 cm; fio nylon, nó de albright
2 <b>Cabra-cega</b> , 2020 Tinta-da-china sobre tecido, dimensões variáveis	Caixa azul, 26 x 5.5 x 3 cm; cavilha beta de aço zincado; cordel preto e branco, nó cego	Caixa preta, 27.5 x 8 x 3 cm; cordão preto e branco, cordão amarelo, nó de pescador duplo
3 <b>Volta do Salteador</b> , 2020 Tinta-da-china sobre papel, 50 x 65 cm	Caixa laranja, 31.5 x 7 x 2.5 cm; anel com fecho de aço niquelado; fio norte, nó cego	Caixa azul, 27.5 x 8 x 3 cm; fio de algodão branco, nó de azelha
4 <b>Corda de salto</b> , 2020 Tinta-da-china sobre papel e corda, dimensões variáveis	Caixa vermelha, 34 x 24 x 3 cm; ramo, alga	Caixa vermelha, 21 x 13 x 6 cm; corda de cânhamo, meia-volta mordida
5 <b>Nó de Azelha</b> , 2020 Tinta-da-china sobre papel, 50 x 65 cm	Caixa preta, 26.5 x 6.5 x 2; mosquetão; fio norte, volta de fiel	11 <b>Gravata</b> , 2020 Tinta-da-china sobre tecido, dimensões variáveis
6 <b>Cama-de-gato</b> , 2020 Tinta-da-china sobre fio Kandinsky, 200 cm	Caixa azul, 28.5 x 11.5 x 4 cm; sapatilha de aço zincado; presilha de alumínio para cabo	12 <b>Voltas #5</b> , 2020 Tinta-da-china sobre papel, 200 x 150 cm
7 <b>Nó Górdio</b> , 2019 Sargaço, dimensões variáveis	Caixa azul, 23 x 7 x 3; fio de algodão branco e castanho, meia-volta	13 <b>Botas</b> , 2020 Dimensões variáveis
8 <b>Raízes</b> , 2011 Tinta-da-china sobre papel cristal, 70 x 100 cm	Caixa vermelha, 23 x 7.5 x 3 cm; gancho; fio de algodão bege	14 <b>Voltas (esq-dir) #1, #2, #3</b> , 2020 Tinta-da-china sobre papel, (4x) 70 x 50 cm
9 <b>Baraço</b> , 2019 Ramos, fio nylon azul, dimensões variáveis	Caixa vermelha, 29 x 29 x 6 cm; corda verde, meia-volta mordida	
10 <b>Rio/Mar</b> , 2019  Caixas de cartão, cimento, areia do rio (1-10) / areia do mar (11-20); fios, cordas e ganchos diversos; dimensões variáveis	Caixa azul, 34 x 24 x 3 cm; sapatilha de aço zincado, serra-cabos; corda laranja	
Caixa azul, 21 x 16.5 x 3 cm; cordel bege, nó de azelha	Caixa turquesa, 31.5 x 18 x 3 cm; esse desigual cromado; fio de algodão branco, nó simples	
Caixa azul, 27.5 x 10.5 x 4 cm; anel com fecho de aço niquelado, fio de nylon azul, nó simples	Caixa azul, 19 x 7 x 3 cm; fio vermelho	
	Caixa azul, 16 x 9.5 x 4 cm; fio vermelho, nó simples	
	Caixa laranja, 19.5 x 11 x 3 cm; cordão preto, nó de frade	

Raquel Moreira (Porto, 1983), é doutoranda em Arte Contemporânea no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. A sua formação inclui o mestrado em Estudos Artísticos - Estudos Museológicos e Curadoriais (FBAUP), a licenciatura em Artes Plásticas - Multimédia (FBAUP) e a licenciatura em Gestão do Património (ESE-IPP).

Tem vindo a apresentar regularmente o seu trabalho desde 2010, em exposições individuais e coletivas, em espaços como a Casa Tait, Casa do Médico, Museu da FBAUP, KubikGallery, Fundação José Rodrigues e Galeria do Sol (Porto), Lugar do Desenho (Gondomar), Bienal de Cerveira, Galeria do Colégio das Artes e Círculo de Artes Plásticas (Coimbra).

Desenvolve a sua atividade profissional na área da produção cultural desde 2006, tendo colaborado durante nove anos na organização de exposições na Solar - Galeria de Arte Cinemática e na produção do Curtas Vila do Conde - Festival Internacional de Cinema e, pontualmente, na realização de atividades educativas em diferentes instituições. Atualmente exerce atividade como docente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. [raquelmoreira.com](http://raquelmoreira.com)

A artista agradece a Hernâni Reis Baptista pelo desafio, à restante equipa do Sismógrafo pelo apoio à exposição, assim como a Filipe Cardigos pelo design do cartaz.

A equipa do Sismógrafo é composta por:  
Cláudia Reis, Emídio Agra, Hernâni Reis Baptista, Irene Rodrigues, João Pedro Trindade, Luis Jacinto, Maria Macedo, Óscar Faria, Pedro Huet, Rita Senra, Sara Rodrigues, Sebastião Resende e Susana Camanho.

Apoio:



Apoio à programação do Sismógrafo /



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

dgARTES  
DIRECÇÃO-GERAL  
DAS ARTES

**Porto.**